



Flavio P. Oliveira

Talvez Nunca Mais um País

1ª Edição

Delirium Editora

Rio de Janeiro

[2015]

“Os sonhos não envelhecem.”¹

Adorava o supracitado verso, não gosto mais.

Uma arma me aponta um rapazola... meus sonhos estão prestes a morrer. Basta o pressionar do gatilho, para um cérebro repleto de *nonsense* e ideias absurdas sujar o piso cerâmico, levando em seus pedaços um mundo repleto de sonhos não realizados ou que não envelheceriam.

Não presenciarei a morte dos meus muitos desejos, não escutarei o barulho de cabeça estourando, e mais vale um sonho voando do que dois pesadelos à mão de um rapazola – dedos leves, ombros magros, costas largas, salada de batata na geladeira – segurando uma enferrujada pistola. Sou uma irrecognhecível sombra mais um punhado de memórias contadas adiante em pedaços e percalços... um casamento sem papel assinado ou bênção de padre, porcos andando na praia, *rock 'n' roll*... A arma engatilhada, recordo minhas paixões.

A vida se faz quando a morte espreita.

Mariana...

Adoro as lembranças da nossa época, especialmente das pequenas idiossincrasias, exemplo: ela preparava uma gosma *desmilinguida* e tinha a pachorra de chamá-la pudim.

¹ Verso da canção *Clube da Esquina Nº2*, de Milton Nascimento e Márcio Borges.

Quando dois vírus alteram o mundo...

Dois vírus criaram esta nova idade histórica, o primeiro consumiu as reservas de petróleo, o segundo deixou à beira da extinção a humanidade.

Uma ratazana ataca um corpo, um robô removedor de biológicos detritos expulsa o roedor e finaliza o serviço, uma cinza mancha fica impressa no asfalto. Dá até saudade dos velhos tempos, quando o homem matava o homem por mínima divergência. Atualmente doenças matam o homem, enquanto o homem tenta salvar a raça humana.

-

Minha frase predileta antes de Mariana: Vó, estou doente, não quero ir à escola! Depois de conhecê-la: Eu te amo.

-

Recebo uma mala na primeira doação.

Há (dentro) um conjunto de itens necessários, inclusive um disfarce completo. As autoridades incentivam o uso de quaisquer subterfúgios e dissimulações. As câmeras de segurança e os olhos dos policiais e fiscais mecânicos não reconhecerão a minha verdadeira identidade, quando eu vestir o disfarce e usar a maquiagem especial.

Mariana um dia me abandonou.

Crianças são cruéis; eram na minha época de escola.

Você acredita em cada bobagem – falou Zarolha.

Pecado de apelido, mas...

Nossa turma de (sete) amigos: Zarolha, Tangerina, Espinhela Caída, Dumbo, Zé Ruela, eu e Medo. Esse último, a criatura mais horrenda da história do colégio, diz: Fugi de casa e fui morar com meu tio.

Mas seu tio mora duas casas abaixo da sua – respondo, e caímos na gargalhada, especialmente o Tangerina, um nato gargalhador.

Sabrina gostava dele. Vai entender as garotas...

O Tangerina é fofo, vocês são uns brutos.

Todos zoavam o Dumbo (orelhas de abano e uns quase oitocentos quilos acima do normal) e o Medo. Zé Ruela metia medo, pois carregava um quê de *quero-comer-o-fígado-de-um* no olhar. O meu melhor amigo talvez fosse o Espinhela Caída, o qual se tornou deputado selecionado pelo PTM (Partido do Totalitarismo Máximo) e teve seis filhos.

Atualmente não há mais nenhum partido político, nem eleições, nem discursos em praça pública, campanhas eleitorais, nações, civismo, patriotismo etc. O mundo é dividido em pequenas cidades-estados independentes.

Certa vez, ela brigou comigo.

No dia seguinte, escrevi no espelho do banheiro:

À Mariana, meu eterno amor, que me elogia com um sorriso, e com um olhar me recrimina,

Esse breve poema de dois versos e quase sem rima.

-

Movida por obsessão verde, tentou Mariana recriar uma selva, em vasos e jarros, no nosso apartamento, e não permiti. Tenho bens e itens colecionáveis recolhidos em décadas de trabalho, as plantas atrapalhariam. Aceitei duas samambaias.

Também adora os bichos modificados e quis (levar para casa) um *mini-hipo*, aquele hipopótamo geneticamente alterado (com tamanho de pequena capivara) devorador de lixo urbano e que não se alimenta, infelizmente, dos restos mortais e dos corpos em putrefação; mas temos as ratazanas gigantes e basta.

Nem aceitei gatos, cachorros, roedores etc.

Um *mini-hipo* no nosso apartamento? Nunca! Na minha casa moram humanos e olhe lá.

Você é insuportável!

-

Duas girafas desfilam na orla, pertencem a Apomesnau Sorreigo, dono de uma impressionante coleção de resgatados

animais.

O senhor Sorreigo, um ex-diretor da polícia secreta morando na protegida reserva do Cantagalo – reflorestada sem o projeto respeitar a vegetação original –, recebeu um ofício de autorização e trouxe, dos mais recônditos cantos do mundo, dezenas de animais. A autorização perdeu, um dia, o valor; as viagens internacionais deixaram de existir, porém, os animais procriaram, tiveram filhotes e vivem, ainda hoje, na área cercada.

Volta e meia alguns escapam do zoológico particular do estranho ancião – Sorreigo tem mais de cem anos de idade – e chegam à praia. Domingo retrasado, vi um coiote andando no posto 5, hoje vejo Milena e Milona, as pescoçadas.

Milena mastiga restos deixados diante do abrigo das múmias, perto do posto 5, enquanto a brincalhona Milona se espreguiça na areia, mas lá vem o patrão e meia dúzia de rapazolas atrás das fugitivas.

Estou na cantina de Abelardo. Um homem comenta: Deveriam sacrificar os animais e dar de comer aos pobres dos outros setores.

Esta sugestão é difundida, apesar de absurda.

A vida é sagrada... ninguém tente nada contra as girafas ou porcas.

-

Nunca tivemos animais domésticos.

Um *mini-hipo* neste apartamento? Nunca!

Vejo-as na praia e me recordo da minha primeira e única esposa de verdade: Mariana. As outras foram amantes e namoradas.

Mentira, eu não sou insuportável.

Quem ama cedo madruga, os robôs se desligam após a

meia-noite... O antigo bairro de Copacabana é o 7, o 8 começa no velho Leblon, uma cerca separa ambos.

Nós temos dezenas de carros abandonados no setor 7 – os terroristas inventaram uma estranha arma (um vírus meio biológico meio eletrônico) capaz de consumir litros de petróleo por minuto.

Com Mariana, antes da separação, adorava, nos abandonados, deixar mensagens de todo tipo, escritas na poeira grudada ao para-brisa – poesias, pedidos de socorro, avisos aos marcianos, trechos de canções, contas de somar, integrais, jogos da velha empatados, tolices, declarações de amor e tanto mais.

-

Certa vez, em um carro sem sinal de desmanche e com portas destravadas, entramos e fizemos amor no banco traseiro. Três moleques gritaram: Olhem, o garanhão e a galinha!

Fiquei revoltado e, calças na mão, saí xingando os pequenos. Retornei, caímos na gargalhada e prosseguimos na segunda rodada.

-

Temos carros abandonados e prolongadores de vida.

Desperdício o gasto (hoje) no prolongador. Estive, pela manhã, no único centro remanescente neste setor, paguei à vista, no cartão, e reencontrei Marii e Morie, as duas filhas da prostituta. Elas não cobram, são milionárias, mas não transamos; sou casado, não de papel assinado, de coração.

Estou mais animado, o desânimo diminuiu – efeito colateral: prolongar a vida melhora o astral –, mas devo limitar certos exercícios durante uma semana após o prolongamento, o qual perderei graças ao cérebro espalhado no piso. Esse meliante me roubará mais que futuro.

Agora é um bom momento para relacionar dois pontos: o não envelhecimento dos sonhos com o prolongamento da vida. Os sonhos dos que insistem em prolongar a estadia tendem a manter-se vivos. Durante décadas assim pensei, porém, a única certeza: todo mundo morre, seja de doença terminal, acidente... ou por uma ordinária diarreia.

-

Tangerina chega atrasado à aula; estamos acostumados, mora longe do colégio. A professora discutia alguns temas políticos e falava, falava sem parar. Tagarelices matinais são cansativas. Ele interrompeu o discurso professoral.

Dona Carmem: Qual o motivo do novo atraso?

Tive dor de barriga – responde ele.

Mariana era suscetível aos problemas intestinais, pois exagerava nas modernas porcarias industrializadas. Nunca tive tais questões, meu aparelho digestivo é um rolo compressor passando por cima de amendoins jogados no asfalto.

-

Socorro! Ele tem uma arma! – ouvi gritarem um dia.

Tenho armas guardadas, não saio carregando nenhuma. Tenho coleções e saudade, especialmente de Mariana e meus avós. Nunca conheci meus pais, vivi com os avós maternos durante a vida inteira, sou filho deles, quase.

Socorro! – gritaram no apartamento de baixo, e sequer mexi as pernas. Pedidos de socorro são mais comuns que miados de gatos. Só me levanto se escuto: Fogo! Fogo! Se quiser ajuda, grite fogo. Ninguém corre para auxiliar quem pede socorro (li certa vez essa frase). Um fato – e não teoria – comprovado pela cotidiana preguiça que carrego.

-

No início dos ataques terroristas, Tangerina arrumou

um emprego noutra estado. Tentei, sem sucesso, dissuadi-lo, explicando os perigos da empreitada, e guardei outra pérola de sabedoria: Se você acredita em si mesmo, nem o infinito ou a eternidade são limites.

Meu bravo amigo, bela frase!

-

Antes, no remoto passado, um dia, infantilíssima brincadeira estudantil, durante a chamada. O professor de Matemática, o mais carrasco, lá pelas tantas:

Paulo de Tarso.

Presunto.

Ouve-se uma breve risada se espalhando.

O mestre faz uma pausa.

Perlita Boscoli.

Presunto.

Que palhaçada é essa de responderem presunto?! – dispara, enraivecido, o professor. Ninguém responde, ele retorna a atenção à lista e chama outro nome.

Presunto! – respondem.

A turma ficará uma hora a mais, de castigo. A chamada voltará à rotineira normalidade, ainda assim, presunto será a resposta dada uns aos outros quando tivermos nossos nomes chamados. Uma delícia ser infantil.

-

Uma delícia ser infantil, não sou mais criança nem tudo compreendo, e não tenho resposta para as questões e implicações da vida.

Estava perto dos quarenta anos quando o último cinema (clandestino) fechou as portas, dos trinta e três na última música gravada por uma pessoa, com menos quando Elleumos Giavontella compôs a opereta *Escravos Robóticos*, e vai

longe o tempo de vovó cantando canções de ninar. A arte não morreu, apenas perdeu importância, e não mais reverenciamos ou temos ídolos de cinema, televisão e rádio.

A arte ainda não morreu. Voltando para casa, vi um vândalo construindo esculturas na areia da praia, misturava as próprias fezes para conseguir uma pasta resistente. Ele me fez lembrar de Medo, a criatura mais horrenda do colégio. Velho amigo, morreu cedo e não conheceu as salas de prolongamento.

-

Trabalho como catalogador e historiador – formado em Engenharia Mecatrônica e Ciência da Computação, abandonei a área muitos anos atrás –, sei as letras de centenas de músicas, um dos benefícios desse emprego.

Tínhamos o Museu da Imagem e Som, e auxiliei no arquivamento da extinta arte musical. Partituras, letras, rabis-cos, livros, cadernos e documentos foram guardados no chamado cemitério da memória artística, e fico enternecido ao recordar a tarefa. Estou entre os responsáveis.

-

Estou com preguiça de mim mesmo. Aproxima-se um analisador de identidade, típico robô usado pela polícia na busca de criminosos. Tenho a íris investigada, o nome pronunciado e nada mais. Não há criminalidade no setor.

-

Eu, Tangerina, Medo e Ruth conversávamos sobre atrizes e modelos no recreio, indicando quem seria a mais bela. Ruth inseria rapazes na conversa. Classificávamos a beleza seguindo regras inventadas por nós, de repente Medo perguntou: Como vocês classificariam a minha beleza?

Eu respondi: Inexistente! A gargalhada foi homérica.

Uma vida de teorias.

A humanidade já passou do prazo de validade.

Verdade absoluta, e não teoria.

-

Por volta dos meus seis anos de vida, vovô comprou um fogão autômato; herdei a caixa de papelão. Adorava a caixa, ora era minha casa, ora um aparato de tortura, um elevador direto ao purgatório, uma máquina do tempo e, na pior das hipóteses, uma caixa de papelão.

Todos adoramos caixas e barracas.

Brincava, inventava mundos, derrubava generais, invadia Roma, conquistava Cartago, humilhava os plebeus, dividia riquezas e governava o país, sem aborrecimentos.

Nem me lembro do fogão, o sem importância.

Alguma teoria explica a falta de tédio nas caixas de papelão.

-

Vovó preparou o prato especial das quintas-feiras, lasanha, no entanto... lasanha verde! Espinafre e abacate na massa, no molho vai berinjela e couve – diz.

Se meu estômago falasse...

Houve um aumento de trezentos por cento nos preços das carnes, teremos de substituir certos luxos.

A crise europeia se alastrava pelo mundo, e os sucessivos ataques às reversas petrolíferas angustiavam os cidadãos, ainda assim lasanha verde é o cúmulo do mau gosto visual, olfativo e gustativo. Eu me servi de um bocado, tendo o nojo mesclado à compreensão, e nem estava terrível, apenas sem carne.

Sabe, Mariana, por que gostamos tanto de carne?

Ela meneia a cabeça demonstrando não ter a resposta.

Por que é vermelha. O vermelho é um propagador do apetite, nada de cor verde dá fome.

Você e suas teorias – dizia Mariana.

-

Uma vez resolvi testar uma. Havia lido uma frase que tratava cada encontro entre duas pessoas por mirabolantes intervenções do destino e afirmava que ninguém entrava em nossas vidas sem um (aparente ou escondido) motivo. Pois bem, tentei comprová-la, fiquei trancado no apartamento, sem tomar banho, defecando pelos cantos, deixando a comida apodrecer. Cinco dias na experiência, fedia em demasia, mal respirava, um horror! Suportei como pude, abria a janela, vomitava, o fedor aumentou ao ponto extremo.

Prestes a desistir, alguém bateu na porta.

Era a pessoa que entraria na minha vida, segundo a teoria, por um especial motivo, porém atraída pelo doentio fedor emanando do apartamento.

-

Nenhum dos vizinhos apareceu. Talvez o prédio estivesse deserto, não tínhamos porteiros. Entrava e saía sem ver alma viva, não tínhamos portão... Eu corri, abri a porta e lá estava, plantada sobre saltos altos, ela: Mariana.

Isso não comprova nada. Estava procurando um lugar